



Civitas - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 1519-6089

civitas@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Gomes, Roberto

Violência e crime O vértice da Psicanálise

Civitas - Revista de Ciências Sociais, vol. 1, núm. 2, dezembro, 2001, pp. 67-78

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74210206>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Violência e crime

O vértice da Psicanálise

Roberto Gomes¹

Introdução

Estava a divagar sobre o tema, ou seja, sobre como poderia a psicanálise contribuir para elucidar um assunto que já mobilizou seus pioneiros -a análise da mente de criminosos-, quando me deparo com a seguinte notícia:

Um homem que matou cem crianças foi condenado à pena de morte no Paquistão. Javed Iqbal, de 44 anos, será executado da mesma forma como matava as crianças: após ser estrangulado na presença dos pais das vítimas, o *serial killer* terá o corpo cortado em cem partes, que serão colocadas em uma solução de ácido. A pena decretada pelo juiz Bakash Ranja dá ares de vingança à execução. Os funcionários ainda não decidiram quem estrangulará o réu. (Zero Hora: 17 mar. 2000)

Esta notícia parece confirmar que quanto mais atrasada a cultura, mais cruel a punição e mais crua a racionalização. Mas essa punição “de exceção” também parece confirmar a regra segundo a qual o inconsciente humano contém desde os mais nobres sentimentos até os mais primitivos. A punição é baseada no fato de

¹Médico psiquiatra e psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Criminologia, Pucrs, 13 abr. 2000 e publicado também em *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 8, nº 3, dez. 2001, p. 549-560. Contatos com o autor: roberto.gomes@terra.com.br.

que idênticos desejos estão ativos tanto no criminoso como nos membros da comunidade.

O homem primitivo reage primitivamente às injúrias e impõe ao criminoso o mesmo castigo que é sugerido pelo sentido da injúria. Ele acredita que o criminoso comete ofensas porque estava possuído pelo demônio e que a tribo irá sofrer, a não ser que o criminoso seja punido. Assim, postula-se o exorcismo do demônio para aplacar os deuses.

Bem posteriores são a lei do talião e as tábuas da lei de Moisés, onde se afirma: “... dar vida por vida, olho por olho, dente por dente, pé por pé...” O princípio da lei do talião foi gradualmente modificado em favor de um esquema de punição corporal que envolvia penalidades terríveis, como esfolar, empalar, enterrar vivo, marcar a ferro, chicotear, esmagar, amputar pés, mãos, orelhas, nariz, olhos, língua, esquartejar. Saramago (1991) dedica várias páginas de seu livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo* à descrição dessas punições.

Apesar de toda a engenhosidade das penalidades, o número de criminosos não diminuiu em séculos de punição. Exceto pela selvagem satisfação de vingança, nada mudou na raça humana.

O conflito está nas origens das relações entre os seres humanos: *na família, entre pais e irmãos*. Assim é que, na Bíblia Sagrada, o *Livro da Sabedoria* nos diz que foi pela inveja do demônio pelos filhos diletos de Deus que a morte entrou no mundo: “... e Deus criou o homem imortal \ e o fez à sua imagem e semelhança \ mas, por inveja do demônio, entrou no mundo a morte \ e experimentaram-na os que são do partido dele”. E, como fruto da rebelião contra Deus, temos a rebelião do homem contra o homem: “... o Senhor olhou para Abel e para os seus dons; e Caim irou-se extremamente, e o seu semblante ficou abatido”, onde se observa a inveja, caracterizada como tristeza em relação ao bem alheio, gerando um desejo desordenado de vingança (Gênesis). Cabe referir também “o ciúme dos irmãos de José”; os casos de Raquel, que, “vendo-se infecunda, teve inveja de sua irmã”, e de Esaú, que, odiando Jacó por causa da bênção com que o pai o abençoara, dizia no seu coração: “... virão os dias de luto por meu pai, e eu matarei Jacó, meu irmão”. A inveja e o ódio são vistos como um pecado que parece surgir nas hierarquias e famílias, nas sociedades estruturadas de todos os tipos.

Objeto de estudo da psicanálise têm sido esses “pecados” que se passam nas profundezas da alma dos pacientes, isto é, as coisas reprimidas e não confessadas. Em 1915, Freud discute aspectos dos mecanismos psicológicos do crime, dizendo

que o mais imaculado dos pacientes refere com frequência delitos e imposturas cometidos na infância. Ele acredita que tais ações são causadas pela fraqueza das restrições morais na infância. Uma investigação de crimes cometidos durante tratamentos leva à surpreendente conclusão de que essas ações são cometidas para provocar alívio. Temos, no entanto, que considerar que o analista trabalha mais com fantasias de violência do que com a ação violenta de criminosos, os quais tornam reais as suas fantasias.

Vou me referir, neste trabalho, à violência como forma intencional de infringir dano ao corpo de outra pessoa. Acrescente-se que se trata de dano que implica a perda de continuidade na pele da vítima e a presença, no agressor, da intencionalidade do seu ato, embora ambas sejam acompanhadas de fantasias inconscientes (Glasser 1979).

Pretendo também assinalar aspectos que caracterizam a violência originária do complexo *perversões*. Neste complexo é possível estabelecer um *continuum* entre um leve sadomasoquismo, um sadomasoquismo perverso, crimes sexuais e, finalmente, crimes de violência, o extremo dos quais é o homicídio.

Sabemos pouco sobre as motivações profundas da “alma humana”. E muitas das explicações existentes podem soar insatisfatórias por basearem-se apenas em extratos superficiais da mente, permanecendo obscura, a maior parte das vezes, a motivação realmente inconsciente.

O que vou apresentar baseia-se na minha convicção e experiência, alicerçada na teoria dos instintos e da relação de objetos: o impulso agressivo para a violência - central para a teoria edípica e pré-edípica em Freud e Klein - como responsável, tanto pela ansiedade e resistência ao tratamento analítico, quanto pela atuação criminosa. Quando pensamos sobre o que é o complexo de Édipo, lembramos sempre o aspecto sexual com a mãe e esquecemos o que diz respeito à morte de ambos os pais. Admito ainda, que, em maior ou menor grau, temos padrões de instintos e de desenvolvimento do Ego que são também influenciados pelo ambiente.

O pensamento dos pioneiros da psicanálise sobre a violência e o crime

As preocupações dos pioneiros da Psicanálise foram comuns às dos pensadores de sua época e perduram até nossos dias: Qual a origem da violência no mundo? Qual a origem do mal? É nossa natureza violenta? Temos mesmo um instinto de

morte como Freud intuiu? Se agressão e mal fazem parte de nossa natureza, pode uma adequada continência modificar essas forças, impedindo assim que nos destruamos uns aos outros? Afinal, de acordo com H. Jackson (apud Edelheit, 1976), “o homem que primeiro ofendeu com palavras seu inimigo ao invés de enviar uma flechada foi o fundador da civilização”.

O entusiasmo inicial dos psicanalistas pela aplicação dos novos conhecimentos levou a uma colaboração próxima com outros especialistas, como Löffler, professor eminente de criminologia. Freud, em 1905 (cf. Duke 1946), falou ao seu grupo sobre *a natureza do testemunho da testemunha-ocular*. A aula foi denominada *Psicanálise e a verificação da verdade nos Tribunais da Lei*. Freud estava discutindo o teste da livre associação e as possibilidades de este trazer esclarecimentos sobre áreas como os afetos e as memórias. Em suma, se seria possível utilizá-lo no esclarecimento da verdade. Ferenczi (1919), ao falar para a associação dos promotores públicos e juízes, aventou a possibilidade de tratamento dos reincidentes, sugerindo mesmo uma psicanálise dirigida ao estudo dos crimes, com tratamentos experimentais nas prisões. Mas a verdade sobre a materialidade dos fatos que possa ser obtida através do exame do acusado e da análise de criminosos revela-se ainda utópica.

Em 1911 (cf. Dukes 1946), num dos primeiros estudos sobre o crime, Storfer comenta as ações simbólicas associadas às execuções dos parricidas pelos romanos e sugere que o método de punição utilizado era uma verdadeira punição em retaliação ao crime de incesto: o assassino era colocado, junto com um macaco, uma galinha choca, um cachorro e uma cobra, dentro de um saco e jogado no mar, para evitar sua união com a mãe-terra.

Em *Totem e tabu*, Freud (1913) discute as proibições de infringir o tabu (não matar o animal totêmico, nem copular com pessoas do sexo oposto pertencentes ao mesmo totem-família) como defesa contra nossas tendências criminosas inconscientes. Os desejos inconscientes por retaliação e retribuição são instilados pelo medo do poder contagioso do crime ou, melhor dito, pela causa ontogênica deste medo, o sentimento de culpa que aflora pela supressão de desejos esquecidos da infância. A punição, muitas vezes, faz o punidor cometer o mesmo crime que pretende punir.

Em 1916, Freud afirma que a culpa preexiste ao crime, e que ela não é o seu resultado mas o seu motivo. Referindo-se a esse trabalho, Meneghini (1962), organiza as idéias de Freud e acrescenta que o ato criminoso pode: (a) surgir como solução para forte tensão conflituosa decorrente de um superego exigente; (b) ser

reação a um sentimento de passividade, sentimento esse vivenciado como idêntico a impulsos homossexuais; (c) estar associado e constituir medida defensiva contra sentimentos depressivos decorrentes da perda de algum objeto amado ou valorizado.

Mas a teoria dualista de Freud (1920), segundo a qual a energia vital (libido) e a energia destrutiva (impulsos de morte) são as duas forças cuja interação determina a conduta, encontrou pouca simpatia mesmo entre psicanalistas.

Para defender suas idéias, Freud socorreu-se dos escritos de um dos maiores pensadores da antiga Grécia, Empédocles de Acragas (Girgenti), nascido por volta de 495 a.C. Misto de investigador, pensador, profeta e mágico, político, filantropo e médico com conhecimentos de ciências naturais, Empédocles erradicava a malária e era reverenciado como um deus. Suas teorias sustentavam idéias modernas, como a evolução gradual das criaturas vivas, a sobrevivência dos mais aptos e o reconhecimento do papel desempenhado pelo *acaso* nessa evolução.

A teoria de Empédocles se aproxima da teoria psicanalítica dos instintos: “... dois princípios dirigem os eventos na vida do universo e na vida da mente, e esses princípios estão perenemente em guerra um com o outro”. Empédocles chamou-os de *jila* (amor) e *neikoV* (discórdia). Desses dois princípios -que ele concebeu como sendo, no fundo, *‘forças naturais a operar como instintos’*-, um deles se esforça por aglomerar as partículas primevas numa só unidade, ao passo que o outro, ao contrário, procura desfazer todas essas fusões e separar as partículas. Ele imaginava o processo como uma alternância contínua e incessante no qual uma ou outra das duas forças leva a melhor, de maneira que, em determinada ocasião, o amor e, noutra, a discórdia realizam completamente seu intuito.

Os dois princípios fundamentais de Empédocles -*jila* e *neikoV*- são, tanto em nome quanto em função, o mesmo que nossos dois instintos primitivos, Eros e destrutividade. Freud forneceu um certo tipo de “fundamento ao princípio de discórdia”, fazendo nosso instinto de destruição remontar ao instinto de morte, *ao impulso que tem o que é vivo a retornar a um estado inanimado*.

Podemos formular o conflito entre a vida e a morte puramente em termos psicológicos (Segal 1993). O nascimento nos confronta com a experiência da necessidade. Em relação a essa experiência, podemos ter duas reações, e ambas estão presentes em nós, em proporções variáveis. Uma consiste em buscar satisfação para as necessidades; isto é, a promoção da vida leva à procura do objeto e do amor e eventualmente à preocupação pelo objeto. A outra é um impulso para aniquilar a necessidade, aniquilar a percepção da necessidade pela aniquilação da percepção tanto da experiência emocional quanto de qualquer coisa que seja percebida.

Uma ilustração clínica

Com a finalidade de ilustrar alguns dos aspectos envolvidos na questão, examinarei alguns fragmentos da história do Dr. Carlos Alavoine, assassino confesso de sua amante Martina. Por meio de uma carta a seu juiz, logo após o seu julgamento e no aguardo da execução da sentença, ele relata o que seria a sua versão sobre o que se passou verdadeiramente em sua alma. Trata-se, no caso, de um médico - personagem do romance *Carta a meu juiz* de Georges Simenon - que tenta explicar ao juiz os motivos e intenções de seu ato. Não pede por clemência, nem tenta justificar sua atitude com racionalizações e subterfúgios para se evadir da punição. Ao contrário, solicita o reconhecimento de seu ato como premeditado. Diz ele:

Agi com premeditação. Preferias que eu fosse louco ou irresponsável ou de responsabilidade atenuada. Mas estava com pleno conhecimento de causa. Problemas de hereditariedade, de alguma tara, só se fosse a de Adão e Eva, que é comum a todos nós. Nem tive meningite como tentaram insinuar.

O pai era um pequeno agricultor, caçador, bebedor e que casara tarde. A mãe é descrita como submissa e assim vai acompanhar o filho após a viuvez. O pai morre pobre e decadente, com o disparo acidental de sua inseparável arma de caça. Carlos Alavoine tinha então 10 anos. A hipótese de suicídio é negada. Carlos passa a viver com a mãe, forma-se em medicina e vai trabalhar numa cidade provinciana. Sua primeira experiência sexual é com Sílvia, uma mulher de “vida fácil e livre”, por quem se apaixona. Acaba casando com a filha do antigo médico da cidade, Jane, com quem tem dois filhos. Ela morre no nascimento do segundo filho. Ele passa a ter amantes esporádicas, como Laura, uma notória prostituta; depois Lúcia, de 17 anos, da campanha. Após, Justina e a segunda esposa, Armanda, rica viúva de um tuberculoso. Ela, uma “lady”, não a desejava; ele passava atormentado com o desejo de enganá-la. Acha que se casara por lassidão e vaidade. Nesse estado de espírito, encontra Martina na hora de embarcar no trem de volta para sua cidade. A partir de então, tudo se modifica: num arroubo de paixão, leva-a junto para sua cidade, hospeda-a num hotel, contrata-a como secretária, planeja sua separação, atormenta-se com delírios de ciúmes e passa a atormentá-la com ameaças físicas e destemperos verbais.

O que eu queria era, lentamente, com, eu o repito, com a plena consciência do meu ato, impregná-la de minha substância. E minha emoção era neste momento aquela de um homem que vive o momento mais solene de sua vida. Ela estava calma, e ela sentiu que eu estava me fundindo com ela.

Repare-se como o corpo é tratado como um objeto e concretamente identificado com a pessoa sob ameaça de ser perdida e/ou odiada: Carlos vive uma experiência tipo “somos um só, eu vivo nela e ela vive em mim”. A violência se relaciona com o homicídio e o suicídio como dois lados de uma mesma moeda; formas de lidar com a experiência de sentir-se ameaçado de ser dominado pelo objeto.

Mas compreenda bem, o que eu fiz foi libertá-la. E não foi ela que eu matei. Foi a outra. ... Vocês conhecem os criminosos, mas vocês não conhecem as doenças. E como se faz um diagnóstico de amor? Pelo desejo absoluto de presença... Ela como era: fabricou pouco a pouco uma personalidade à imagem dos personagens de magazines e romances. Para se parecer com os outros. Para se reassegurar.

Sempre há um ataque violento ao corpo de outra pessoa ou ao seu próprio corpo, que é tratado como um objeto. A solução para o insolúvel dilema é libertar-se do outro ou por meio de sua destruição dentro da sua própria alma -o que levaria ao suicídio- ou pela aniquilação do outro na própria vítima, o que configuraria o homicídio. Nesse processo, o corpo é tratado como se fosse a própria mente. É o corpo da mãe, que é atacado na fantasia. Tem-se aí uma específica configuração da cena primária. Além disso, sempre há a idéia de que uma parte do Self sobreviverá em algum lugar.

... Sou um homem que ofereceu-lhe uma vida. Eu me dei conta que ela tinha o desejo de ser libertada dela mesma, de seu passado...

Era a outra que me restava colada na retina e súbito pela primeira vez na vida. Ela via um outro eu. O eu futuro, como eu via nela a pequena Martina de antes. Queria tomar posse de sua infância porque eu estava ciumento de sua infância também.

A agressão pode ter um ingrediente de autopreservação, cujo objetivo é negar o perigo ou remover a fonte de perigo. Nesse caso, o que acontece com o objeto atacado é irrelevante. Já no sadismo, há uma forma de violência maliciosa; o objetivo é tirar prazer em infligir sofrimento físico e emocional a outro. Nele, é essencial que o agressor seja capaz de imaginar os sentimentos do outro. O ritual sádico se prolonga com a finalidade de garantir, ao agressor, domínio total sobre a vítima, evitando assim, o temor de ser influenciado e dominado por ela. O corpo da vítima é confundido com a imagem interna que o agressor tem do objeto -isto é, da vítima-, o que não só reflete sua incapacidade de mentalizar simbolicamente as diferenças entre a realidade interna e externa, mas também determina a confusão entre a fantasia e a crença.

É mais difícil matar do que se fazer matar. Antes de matá-la sentia apenas uma nostalgia vaga.

As imagens... sempre as imagens ... outras mãos, outras carícias... Perdão Martina. Eu sentia que ela me encorajava, que ela queria, que ela sempre previra este momento aqui... que era o único modo de ela sair. Eu matei a outra.... de uma vez por todas para que minha Martina pudesse enfim viver. Depois, a imobilidade de um era parelha à do outro.

A conduta criminosa age como defesa contra a eclosão de um surto psicótico, que é evitado pela descarga da energia destrutiva através do ato criminoso. A partir de então, a sociedade assume o papel de *superego* e libera o indivíduo de sua tensão intrapsíquica.

E era necessário que eu vivesse porque, se eu vivesse, minha Martina também viveria. Ela estava em mim. Eu a portava como ela me havia portado. A outra estava morta, definitivamente... E não quero a sua piedade. E não é mais do que em mim que ela pode sobreviver... Nós fomos além do que é possível. Vivemos a totalidade de nosso amor.

No dia em que o juiz recebia esta carta, os jornais noticiavam que Carlos Alavoine havia se suicidado em circunstâncias misteriosas, na enfermaria da prisão: envenenara-se com medicações.

Podemos observar como o aumento progressivo de ansiedades do tipo paranóide e depressivo indicava uma próxima eclosão psicótica; as mesmas raízes podem desenvolver-se para a paranóia ou para a criminalidade. A ação é uma defesa patológica contra a ansiedade psicótica.

Quando o Instinto de Morte aumenta dentro do indivíduo e não é aplacado pelo Instinto de Vida, a última defesa é deslocar para uma vítima a ameaça interna de um sofrimento insuportável. O ato criminoso só pode ser compreendido se considerarmos a necessidade que o criminoso tem de encontrar uma vítima como substituto de si mesmo. Ao encontrá-la, manifesta completa ausência de empatia para com o seu sofrimento; tem necessidade de sacrificá-la com detalhes selvagens e sente satisfação com o seu sofrimento. Todo o processo é desencadeado pela perda de um objeto amoroso, ao qual são dedicados sentimentos ambivalentes e primitivos. Em alguns assassinos pode haver uma certa dose de compaixão, e via de regra o suicídio não está longe (Meneghini 1962).

Dois aspectos se destacam no relato: (1) relação entre violência e um estado paranóide e existencial de ansiedade no qual os pensamentos e a identidade do

outro são percebidos como uma ameaça e/ou invasão à própria mente e identidade do assassino; (2) a sugestão de que a emergência de fantasias primitivas da *cena primária* (Carlos tem “visões” de Martina com outro homem) pode levar alguns pacientes ao medo de aniquilação, ou perda do amor, e a uma resposta violenta.

Considerações finais

A teoria dos instintos está sendo questionada. Ninguém nega a existência da agressão; o que não se sabe é se ela se origina de dentro e desde o início como um impulso inato ou se ela é somente uma reação a alguma coisa. Somos todos nascidos bons, como Rousseau postula, e somos corrompidos pela civilização... ou nascemos cheios de pecados e ruindades, assassinos, incestuosos, canibais e conquistamos a civilização pela renúncia instintiva como Freud pensava?

Hoje, o que mais se estuda é a violência que emana do pré-edípico: as fantasias de cunho oral e anal, com ataques por mordidas, ácidos, venenos, explosões, balas, metralhadoras, minas explosivas, bombas voadoras, venenos químicos. Existe ódio e violência potencial em qualquer fase do desenvolvimento libidinal.

Depois de Freud, Abraham (1927) e Klein (1957) abordaram e expandiram as idéias sobre a agressão violenta pré-edípica, mostrando as etapas do seu desenvolvimento progressivo - um impulso para matar que, apesar de poder ser grandemente transformado e atenuado pela estrutura psíquica defensiva, nunca se extingue, com suas fixações antigas sendo reativadas nas regressões.

Em estudos sobre a violência e o crime (Perelberg 1994; Fonagy 1995; Campbell 1995), vê-se que a vítima com frequência passa a representar para o assassino um objeto do seu inconsciente. O psicopata ou o psicótico projeta seus medos (de castração, por exemplo) e culpa (tendências para ser punido) em alguém do seu meio que venha simbolicamente a representá-los por identificação projetiva. É o que Freud (1915-17) postula sobre os melancólicos, isto é, que impulsos destrutivos contra outros podem virar-se contra o agressor por meio da introjeção do objeto amado/odiado com o qual ele se identifica. Assassinato e suicídio podem ser decorrência deste mesmo mecanismo. É importante assinalar que o infanticídio é, provavelmente, o crime mais importante contra as leis da genitura, mais importante que o regicídio. Afinal, Laio quis primeiro matar Édipo.

Um dos motivos inconscientes no crime é que a morte pode equivaler à união sexual final com um objeto incestuoso, ou a um estado final de perfeição narcisista ou ainda a uma gratificação de tendências masoquistas, caso de Carlos e Martina.

A compreensão analítica do assassino e do suicida leva ao paradoxo de que, em termos de inconsciente, “assassinato é suicídio e suicídio é assassinato” (Campbell 1995).

Se aceitamos o impulso para a violência, temos que pensar na defesa que é desenvolvida para se opor a ele: (1) a sua fusão e neutralização com impulsos amorosos; (2) a possibilidade de se desenvolverem barreiras eficazes contra sua expressão (isto é, o impulso para a agressão existe, mas ele não é suficientemente forte para expressar-se).

A mais importante influência que conhecemos para o bem e para o mal é a mãe. Contudo, a existência de filhos loucos e de mães boas e mães loucas e filhos bons nos força a pensar na contribuição que os genes podem ter na saúde mental. Se a mãe pode representar o centro do amor e do perigo, o pai representa simbolicamente a lei e a ordem, que se interpõe entre a mãe e o bebê. Ele representa o início da ordem cultural. A presença do pai permite à criança a visualização da relação entre o casal. O pai ajuda a criar um espaço psíquico em que a criança pode não só ver-se a si mesma como separada da mãe, mas também perceber que esta tem uma relação com o pai. Isso representa a possibilidade de a criança conter o impulso para a união indissolúvel com o objeto (tipicamente a mãe), com o pai representando a proteção para fugir dessa imersão, o que a protege ao mesmo tempo do medo de ser aniquilada e engolfada (Fonagy 1995).

Há ainda mistério em relação às deficiências inatas para conter a agressão. Sabe-se, contudo, que, para haver equilíbrio e saúde, é importante, no desenvolvimento psíquico do indivíduo, a presença consistente de figuras parentais que contenham e imponham limites, e que esses limites sejam internalizados.

Pais violentos ou negligentes podem desencadear reações de violência dos filhos contra si mesmos e contra os outros, por via de identificação com o agressor. Curiosamente, pais fracos ou indulgentes que temem enfrentar a brabeza dos filhos podem motivar inclinações violentas nos filhos por estarem dificultando que eles internalizem o necessário *não* em relação aos seus impulsos, ficando, assim, aterrorizados em relação a eles. Afinal, a civilização também depende de nossa renúncia aos compromissos neuróticos.

A tolerância nos cuidados com criminosos nem sempre é fácil. O controle sobre a violência parece depender da capacidade que eles tenham para assumir cuidados sobre si mesmos, e também tolerarem ser cuidados. Penso também que o desenvolvimento da capacidade de reconhecer-se agressivo e responsabilizar-se pela própria agressão e destrutividade sem projetar nos outros representa outra forma de controlar a violência.

A observação de crianças nos ajuda. Há diferenças na sua atividade e agressividade, há crianças brabas e ranzinzas, mas os fatos psíquicos dos primeiros momentos da vida permanecem um grande mistério. Estudos com gêmeos aumentam nossa humildade, pois parece que ficamos mais confortáveis quando imaginamos que mudanças no ambiente serão suficientes para reverter o que é potencialmente determinado pela natureza humana.

Até o momento, chegamos apenas a uma pequena fração do aparelho psíquico, raspamos apenas uma lasca da superfície do grande reservatório de instintos inconscientes. Muito do comportamento criminoso é tão irracional e profundamente enraizado no inconsciente que, sem uma compreensão profunda de suas causas, a possibilidade de correção permanecerá longe do plano de ação dos estudiosos envolvidos.

Descrições à luz da psicanálise revelam freqüentemente traços infantis e femininos no criminoso. Havelock Ellis (apud Dukes 1946) escreve: “Observamos no criminoso sintomas de desenvolvimento inibido. Em certo grau, ele permanece criança por toda sua vida, uma criança fisicamente madura, com forte e desenvolvida capacidade para o mal”. Dostoyevski, em *House of the Dead*, diz: “... crianças, pobres crianças eles são, apesar dos seus 40 anos de idade”.

Toda criança, muito cedo, já sente desejo de cometer dois atos que a sociedade tem considerado puníveis: cometer o incesto com o parente do sexo oposto e matar o do mesmo sexo. A forma como ela lida com isso determinará seu futuro desenvolvimento psicológico. Mas, mesmo com a maturidade do Complexo de Édipo, traços de nossa ancestralidade selvagem permanecem no inconsciente. Afinal, resta o desafio de Alevoine:

“Eu gostaria que um homem, um somente, me compreenda. E gostaria que esse homem fosse você.”

Referências bibliográficas

- Abraham, K. (1927). *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- Campbell, D. (1995). The role of the father in a pre-suicide state. *Int. J. Psychoanal.*, 76 (2): 315-23.
- Dukes, G. (1946). The development of psycho-analytic criminology. *Int. J. Psychoanal.*, 27:145-151.
- Edelheit, H. (1976). Complementarity as a rule in psychological research - Jackson, Freud and the mind/body problem. *Int. J. Psycho-Anal.*, 57:23-29.

- Ferenczi, S. (1919). *Psychoanalysis and Criminology*. Buenos Aires: APA, 1943.
- Fonagy, P. (1995). Understanding the violent patient: the use of the body and the role of the father. *Int. J. Psycho-Anal.* 76 (3): 487-501.
- Freud, S. (1913). *Totem e tabu*. SEB, v. XIII
- _____ (1916). *Criminosos em consequência de um sentimento de culpa*. SEB, v. XIV
- _____ (1920). *Além do princípio do prazer*. SEB, v. XVIII
- _____ (1917 [1915]). *Luto e Melancolia*. SEB, v. XIV
- Glasser, M. (1979). Some aspects of the role of aggression in the perversions. In I. Rosen (org.) *Sexual Deviation*. Oxford: Oxford University Press.
- Meneghini, L.C. (1962). Atuação homicida como defesa contra ansiedades psicóticas. *Psiquiatria*, 2: 10-18.
- Klein, M. (1957). *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Perelberg, R. (1994). Psychoanalytic understanding of violence and suicide: a review of the literature and some new formulations. In: *Psychoanalytic understanding of violence and suicide*. London: Routledge, 1999.
- Segal, H. (1993). On the clinical usefulness of the concept of death instinct. *Int. J. Psycho-Anal.*, 74: 55-61.
- Reik, T. (1932). *El asesini desconocido*. Buenos Aires: El Ateneo, 1943
- Saramago, J. (1991). *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Simenon, G. (1947). *Lettre à mon juge*. Paris: Presses de la Cité, Le Livre de Poche.